

ORTEGA Y GASSET, José. Sistema de la Psicología. *Obras Completas*. v. 7. Taurus: Madri, 2002. 427-534 p.

Sistema de la Psicología é um livro com 15 lições que serviram de base para um curso ministrado por Ortega y Gasset, no outono de 1915, no *Centro de Estudios Históricos*. Na obra o autor examina diversos temas, mas trata essencialmente do fundamento da Psicologia como ciência. Esse fundamento ele vai buscar na fenomenologia, lendo-a de modo singular. Acrescente-se a preocupação com a verdade que será usada nas diferentes ciências. Ele deseja saber se ela de fato existe, no que consiste e como atingi-la. Ele também comenta os problemas que surgem com a discussão sobre a verdade oriundos do ceticismo e do subjetivismo. Com isso, ele intenta – propósito que só se esclarece completamente na lição XIV – demonstrar como as visões positivista e empirista influenciam na noção de verdade, dificultando a constituição científica da Psicologia de então. Em outras palavras, antes de iniciar um estudo da Psicologia é preciso entender seus métodos e objetivos e se podemos construir e desenvolver tal ciência sem o apoio filosófico.

A *Lección I* é uma espécie de prólogo. Nela se encontra o que ele pretende com seu trabalho: tratar das dificuldades que envolvem criar um Sistema de Psicologia. Essa pretensão inclui também os chamados “problemas nodais” que são aqueles que, embora não estejam entre os mais relevantes na investigação, se resolvidos, solucionam outros problemas menores que surgem na organização de uma ciência.

Na *Lección II – Sobre la definición del fenómeno psíquico*, o autor demonstra a insuficiência das definições tradicionais da Psicologia, e também sua avaliação de que o que se fazia em Psicologia na sua época era como colocar adereços ao redor do essencial, sem considerá-lo. Nisso estava a razão do que ele denomina “fracasso da Psicologia”. A razão é que o essencial dos estudos psicológicos não pode ser feito por essa ciência particular, pois precisa ser realizada pela Filosofia, ciência fundamental e primeira da qual as outras dependem. Ao se perguntar sobre essas questões, o psicólogo torna-se filósofo. Ortega apresenta, no final desse capítulo, a diferença entre fenômenos psíquicos e físicos, dizendo que um não pode se reduzir ao outro.

O autor reconhece a dificuldade de tratar, na *Lección III*, em poucas palavras, da Psicologia e da Filosofia e se concentrará no que ele denomina de “cimentos da Psicologia”: noologia e ontologia. Então enfrentará questões que são essencialmente filosóficas. Ele situa a Psicologia entre as ciências da realidade e não de possibilidades ou idealidades, como é a Filosofia. Dito isso, pode-se entender que a Psicologia se estenderia à Física, com a peculiaridade do sentir. Ao conceber uma

Psicologia ao lado da Física ele deixa de lado a Psicologia Metafísica. Ortega apresenta, no final do capítulo, as “ciências interdependentes”, definidas como aquelas capazes de tratar isoladamente da verdade, mas que, nesse caso, não se pode falar propriamente de verdade. Assim chega-se ao tema em que o autor se concentrará daí em diante: a Verdade.

Nas duas lições seguintes, o filósofo tratará da dúvida que sempre aparece nos sistemas de pensamento. Dúvida que pressupõe um problema. Ele espera analisar o que é mesmo um problema, o que faz dele um verdadeiro tema de investigação. Para realizar essa pesquisa, não há como tratar de todas as coisas. Felizmente elas se agrupam em classes – reais, fantásticas e irreais - e aquilo que é aplicado a coisa de uma classe, aplica-se à todas as coisas daquela classe. Ele também faz uma classificação de objetos separando-os em: ideal, impossível, estrutural – superior ou inferior - e total. Concluída a classificação, diz o filósofo na Lição VII, é preciso encontrar uma nova relação entre sujeito e objeto que não se limite à subordinação daquele a este – como fizeram Aristóteles e os antigos metafísicos – nem deste àquele – como fizeram Fichte e os idealistas.

Na VII Lição ele abordará a distância entre o sujeito e o objeto que pode se dar de três formas distintas. As duas primeiras são a presença direta ou indireta do objeto – o que ele chama de percepção -, na primeira o objeto está aí diante do sujeito e na segunda o objeto mesmo não está diante do sujeito, mas sua presença é mediada por um filme ou foto. Entretanto, diz Ortega, só com essas duas formas de presença do objeto não é possível distinguir as pessoas que tiveram contato imediato ou mediado com o objeto e as que não tiveram. Há ainda uma terceira forma de presença mediada a considerar e que ocorre através das palavras. Nesse caso um objeto se apresenta ao sujeito como modo de referência – que ele denomina de menção. Estabelecidas as três formas de distanciamento do objeto, Ortega se concentra, nos capítulos seguintes, na análise dos juízos.

Na *Lección VIII*, o autor apontará a existência de quatro tipos de juízos. Entender a diferença entre eles é necessário para uma visão ampla do seu significado. O primeiro conceito considera o juízo como união ou separação de conceitos. O segundo é uma identificação ou separação entre apresentações. No terceiro há uma ampliação na advertência de identidade que diz respeito às coisas mesmas e a um conceito de relação. O quarto e último trata exclusivamente da consciência, partindo da constatação de que toda consciência é consciência de algo. Sendo assim o juízo, nesta última perspectiva passa a ser (des) assentimento, (des) aprovação ou um reconhecimento positivo ou negativo da validade de um juízo. Nesse momento observamos a influência fenomenológica.

O autor diz haver na lição precedente, atos de consciência que se referem aos objetos como tais. Ele os denominará *noéticos*, não no sentido de Hamilton como leis fundamentais do

pensamento (cf. *Lectures on Logic*, V I, p. 72), mas esclarecendo que se dividem em dois modos: os apresentativos – percepção, imagem e menção – e os conectivos – que se dão pela forma de distinguir, relacionar, deduzir, etc. O ato *noético* sob a crença é, para Ortega, conhecimento. Assim, a dúvida não é nem negação, nem um modo originário de crença. Ela aspira sempre encontrar algo e, portanto, não pode ser nunca a última atitude, pois ela aspira a certeza e é secundária em si mesma.

Se a dúvida deseja à certeza e certeza é verdade, toda teoria é um sistema de verdades que parte necessariamente de dúvidas até se constituir. Na continuidade dessa temática nas Lições X, XI e XII, Ortega diz que todas as ciências flutuam à volta e pressupõem a existência da verdade. Então o autor lembra que os cétricos não são adversários da Filosofia, mas o são aqueles que permanecem na posição original que eles propõe: a dúvida. Na visão orteguiana, o fato de existir uma pluralidade de olhares sobre a verdade não significa a sua negação. Porque não podem ser todos os olhares verdadeiros? Em outras palavras, o fato de que se duvide da verdade a partir da existência de perspectivas diferentes dela, pressupõe a existência da verdade.

Todavia, Ortega acrescenta à discussão um elemento inovador ao considerar a perspectiva: o sentido da proposição. O sentido não tem o perigo do ser – talvez Ortega se refira ao fato de ele deixar de ser – algo puramente subjetivo. Sendo assim, a pergunta capital da Lição XI é: o que se entende por verdade?

O que incomoda o filósofo nas lições XII e XIII - é o fato de antes de saber se existe ou não uma verdade, se tentar conhecê-la. Sua argumentação chega, nesse momento, a tocar o significado de crença. Crença que, para ele, é a consciência de que há algo real independente da forma como se faz presente na consciência. Dessa maneira, somente a crença pode ser verdadeira ou falsa. Na verdade, lembra ele, toda crença é na verdade de algo. Com isso, ele diz o que se entende hoje por verdade: a verdade de uma proposição ou crença postula a coincidência com a realidade. Assim, dúvida ou probabilidade são modalidades da crença. Duvidar de algo é crer indubitavelmente que algo é duvidoso. Por fim, o autor conclui que algo é verdade para um sujeito quando lhe parece ser verdade em si.

A verdade, portanto, depende não dela mesma, mas da capacidade humana de conhecê-la. Isso significa que não se conhecerá, nem é possível conhecer todas as verdades. A intenção de Ortega é demonstrar uma teoria positiva da influência do sujeito na verdade, pois a Psicologia, contrariamente às outras ciências, estuda o mecanismo e a estrutura de cada consciência, como foi dito principalmente nas lições iniciais.

Ortega y Gasset conclui seu trabalho sobre o *Sistema da Psicologia*, fazendo nas duas últimas lições – XIV e XV – um estudo sobre as palavras consideradas como subclasse dos sinais utilizados no que ele denominou menções.

A obra resenhada é fragmentada, aspecto que Paulino Garagorri observou na nota que preparou para a edição das *Obras Completas* anteriormente publicada pela Alianza Editorial. O filósofo começa o texto de forma clara, objetiva e ordenada, tratando dos problemas indicados e dando a eles sequência lógica. Entretanto, surgem novos temas na investigação que lhe dão novo roteiro à investigação inicial: o problema (dúvida), o juízo e, por fim e talvez o tema que se tornou central na obra: a verdade. Algumas lições parecem mais anotações do autor do que um texto acabado - o que é compreensível visto que se trata de publicação *post mortem*. É uma hipótese para explicar porque as lições VIII, IX e XIII, não possuem a mesma clareza e desenvolvimento das demais. Apesar da observação, o livro considerado no seu todo é rico e complexo, tocando e aprofundando pontos-chave do pensamento orteguiano como: o significado da verdade, da crença e a noção de perspectiva.

Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho
(UFSJ – São João del-Rei – MG – Brasil)
mauricio@ufsj.edu.br

Ac. Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz
(PIBIC/FAPEMIG)
msctomaz@hotmail.com

Data de registro: 13/07/2014
Data de aceite: 03/09/2014